



Aletheia

ISSN: 1413-0394

mscarlotto@ulbra.br

Universidade Luterana do Brasil
Brasil

Carlotto, Mary Sandra
Síndrome de Burnout em professores de instituições particulares de ensino
Aletheia, núm. 17-18, enero-diciembre, 2003, pp. 53-61
Universidade Luterana do Brasil
Canoas, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=115013455006>

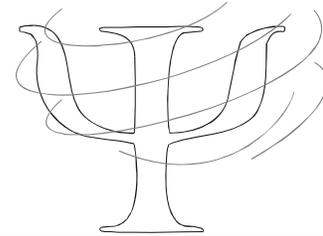
- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Mary Sandra Carlotto

Síndrome de Burnout em professores de instituições particulares de ensino

Burnout Syndrome in Teachers of Private Schools

RESUMO

O objetivo deste estudo foi verificar se professores de ensino universitário e de ensino não universitários de instituições educacionais particulares da região metropolitana de Porto Alegre – RS diferem quanto às dimensões que caracterizam a Síndrome de Burnout: Exaustão Emocional, Despersonalização e Baixa Realização profissional. Foi utilizado como instrumento de pesquisa o MBI- Maslach Burnout Inventory e um questionário elaborado especificamente para a caracterização da amostra. Esta foi composta de 563 sujeitos, 280 professores de ensino universitário e 283 de ensino não universitário. Os resultados obtidos, através do teste t de Student, evidenciam existir diferença significativa entre os grupos estudados nas dimensões de Exaustão Emocional e Baixa Realização Profissional. Professores não universitários possuem maior exaustão emocional e maior sentimento de baixa realização profissional que seus colegas universitários. Na dimensão de Despersonalização não foi identificada diferença significativa entre os grupos.

Palavras-chave: Professores, Síndrome de Burnout, ensino privado.

ABSTRACT

The goal of this study was to verify if university professors and not-university teachers from private institutions of the metropolitan area of Porto Alegre – RS differ regarding the dimensions that characterize the Burnout Syndrome: Emotional exhaustion, depersonalization and Low professional Accomplishment. It was used as research instrument MBI- Maslach Burnout Inventory

Mary Sandra Carlotto - Psicóloga; Especialista em Gestão de Recursos Humanos (UCAM-RJ); Mestre em Saúde Coletiva (ULBRA-RS); professora do Curso de Psicologia da Universidade Luterana do Brasil (Ulbra - Canoas/RS);

Endereço para correspondência: Mary Sandra Carlotto: Av. Mauá, 645, apto 504, Centro, São Leopoldo/RS, CEP: 93110-320, Fone: (51) 590.2199, Fax: (51) 590.2325, E-mail: mscarlotto@superig.com.br

(1986) and a questionnaire elaborated specifically for the sample characterization. That was composed of 563 subjects, 280 university professors and 283 not-university teachers. The obtained results, through the test *t* of Student, evidence there is significant difference between the groups in relation to the Emotional and Low Professional Exhaustion Accomplishment dimensions. Not-university teachers have higher emotional exhaustion and higher low professional accomplishment feeling than their university colleagues. In the dimension of depersonalizing it was not identified any significant difference between the groups.

Key words: professors, Burnout syndrome, private schools.

INTRODUÇÃO

O trabalho do professor tem sofrido mudanças significativas ao longo do tempo com visíveis repercussões na qualidade de vida no trabalho deste profissional. A atividade docente entendida, em tempos passados, como uma profissão vocacional de grande satisfação pessoal e profissional tem dado lugar ao profissional de ensino excessivamente atrelado a questões tecnoburocráticas. As principais mudanças ocorridas na função docente, segundo Kelchtermans (1999), relacionam-se a redução da amplitude de atuação do trabalho docente. As tarefas de alto nível foram transformadas em rotinas, existindo mais subserviência a um conjunto de burocracia. O professor possui atualmente menos tempo para executar o trabalho, menos tempo para atualização profissional, lazer, convívio social e escassas oportunidades de trabalho criativo. Há uma maior diversificação de responsabilidades com maior distanciamento entre a execução, realizada pelos professores, e o planejamento das políticas que norteiam seu trabalho, geralmente elaboradas por outras pessoas.

Professores, no entanto, de acordo com Guglielmi e Tatrow (1998), não pertencem a um grupo homogêneo, pois dentro desta categorização há diferenças de funções e atribuições. Sendo assim, o trabalho desenvolvido também apresenta diferentes desafios, demandas e recompensas dependendo de variáveis como nível de ensino, tipo de instituição, pública ou privada, urbana ou rural, faixa etária dos alunos, contexto social onde está inserida, entre outras.

Nas escolas, o professor, além de atender a classes, deve fazer trabalhos administrativos, planejar, reciclar-se, investigar e orientar individualmente alunos. Também deve organizar atividades extra-escolares, participar de reuniões pedagógicas e de coordenação, seminários, conselhos de classe, efetuar processos de recuperação, preenchimento de relatórios bimestrais e individuais relativos às dificuldades de aprendizagem de alunos e, muitas vezes, cuidar do patrimônio, material, recreios e locais de refeições (Esteve, 1999; Woods, 1999; Nacarato, Varani & Carvalho, 2000; Schmetzler, 2000). Nas instituições de ensino superior deve, conciliar atividades de ensino, pesquisa e extensão atendendo questões relacionadas à produção científica, além de também ter que executar atividades administrativas. Segundo Franco (2001) o professor do ensino superior dispõe de horas de pesquisa, no entanto, as horas em sala de aula são tantas que não lhe deixa espaço para investigações e, por vezes, nem para a preparação de aulas. Está permanentemente sob um crivo crítico, desde o ingresso na carreira, através de avaliações sistemáticas para a ascensão profissional, da submissão de trabalhos em eventos, da apresentação de projetos e de relatórios de atividades e de pesquisa.

Os professores sofrem as conseqüências de estarem expostos a um aumento da tensão no exercício de seu trabalho, cuja dificuldade aumentou fundamentalmente pela fragmentação da atividade do professor e pelo aumento de responsabilidades que lhe são exigidas, sem que, em muitas situações, tenham condições e meios necessários para responder adequadamente (Esteve, 1999).

Assim, acredita-se que a organização do trabalho do professor, atualmente, possui características que o expõem a fatores estressantes que, se persistentes, podem levar à Síndrome de Burnout (Guglielmi & Tatrow, 1998). De acordo com Maslach, Schaufeli, e Leiter (2001), Burnout é uma síndrome que surge como uma resposta crônica aos estressores interpessoais ocorridos na situação de trabalho. Para Harrison (1999) é o resultado do estresse crônico que é típico do cotidiano do trabalho, principalmente quando neste existem excessiva pressão, conflitos, poucas recompensas emocionais e reconhecimento.

Burnout é considerado um fenômeno psicossocial constituído de três dimensões: exaustão emocional, despersonalização e sentimento de baixa realização profissional (Maslach & Jackson, 1981; Maslach, 1993; Maslach, Schaufeli & Leiter, 2001). A Exaustão Emocional é caracterizada pela falta ou carência de energia, entusiasmo e por sentimento de esgotamento de recursos. Os trabalhadores acreditam que já não têm condições de despendar mais energia para o atendimento de seu cliente ou demais pessoas como faziam antes. A Despersonalização faz com que o profissional passe a tratar os clientes, colegas e a organização como objetos, de maneira que pode desenvolver insensibilidade emocional. Já a Baixa Realização Profissional caracteriza-se por uma tendência do trabalhador em se auto-avaliar de forma negativa. As pessoas sentem-se infelizes com elas próprias e insatisfeitas com seu desenvolvimento profissional.

A Síndrome de Burnout tem sido considerada um problema social de extrema relevância e, portanto, vem sendo investigada em diversos países, pois se encontra vinculada a grandes custos organizacionais, devido a rotatividade de pessoal, absentismo, problemas de produtividade e qualidade e também por encontrar-se associada a vários tipos de disfunções pessoais como o surgimento de graves problemas psicológicos e físicos (Benvides-Pereira, 2002).

Burnout tem atingido várias profissões, mas tem seu foco de estudo especial-

mente vinculado a profissões de ensino e serviços de saúde por serem atividades que envolvem intenso contato com pessoas (Maslach & Jackson, 1985; Maslach & Leiter, 1997). A severidade da Síndrome de Burnout entre os profissionais de ensino é, atualmente, superior a dos profissionais de saúde (Iwanicki & Schwab, 1982; Farber, 1991). No caso de sua ocorrência em professores, afeta o ambiente educacional e interfere na obtenção dos objetivos pedagógicos, levando os professores a um processo de alienação, cinismo, apatia, problemas de saúde e intenção de abandonar a profissão (Guglielmi & Tatrow, 1998).

Inúmeras fontes de pressão, tanto externas como internas, estão presentes nas instituições de ensino, podendo comprometer a Qualidade de Vida no Trabalho desta categoria profissional.

Variáveis que afetam Burnout em professores primários e secundários são diferentes das que afetam os professores universitários. A exaustão emocional é a variável central encontrada em professores de ensino fundamental e médio, não ocorrendo o mesmo resultado em professores universitários (Dillon & Tanner, 1995; Byrne 1991).

Frente ao exposto, acreditamos ser relevante verificar se professores universitários apresentam índices de Burnout diferentes de professores não universitários.

Assim, o referencial teórico orientou o trabalho para a hipótese de que professores de ensino universitário e não universitário apresentam índices significativamente diferentes nas dimensões de burnout. Para atender ao objetivo do estudo, optou-se por uma investigação de caráter epidemiológico observacional analítico de corte transversal (Grimes & Schulz, 2002),

MÉTODO

Amostra

A amostra, do tipo acidental, se constituiu de 563 professores, 280 de ensino universitário e 283 de ensino não universi-

tário que exercem atividade docente em instituições particulares de ensino localizadas na região metropolitana de Porto Alegre – RS. O estudo foi realizado em oito escolas e uma universidade.

Os professores que constituem o grupo estudado são, em sua maioria, mulheres (69,4%), casados (62%), com filhos (58,1%), na faixa de 30 a 50 anos (68,9%). Ambos grupos, universitários e não universitários, mantêm as características acima descritas, no entanto, apresentam-se de forma diferenciada na sua distribuição por sexo e faixa etária.

No grupo de professores universitários percebe-se uma tendência ao equilíbrio entre homens e mulheres, uma vez que 55,4% pertencem ao sexo feminino e 43,2% ao masculino. Já em professores não universitários há uma predominância de profissionais do sexo feminino (83,4%). Com relação à idade, verifica-se que o número de professores não universitários com menos de 30 anos representa um percentual maior que o dobro dos não universitários (25,8%). E na faixa etária de mais de 50 anos, os professores universitários apresentam percentuais próximos ao dobro dos não universitários (13,6%). Com relação às características laborais, pouco mais da metade dos professores desenvolve suas atividades em uma carga horária que varia de vinte a mais de quarenta horas semanais (52,6%), geralmente, em dois turnos de trabalho (47,9%), atendendo diariamente de 51 a 200 alunos (52,2%). A maior parte do grupo (59,6%) concilia seu trabalho com atividades extra-institucionais de forma autônoma ou vinculada à outra organização de trabalho. Possuem um tempo médio de atuação docente no ensino geral de 12,2 meses, de ensino em nível superior de 8,2 meses e de ensino na universidade de 5,10 meses.

No grupo de professores de ensino não universitário, o nível de maior concentração é o Ensino Fundamental (44,2%), seguido pela combinação de exercício deste nível com o Ensino Médio (30%). O turno da manhã concentra a maioria dos profes-

sores (77,7%). O trabalho em um (44,2%) ou dois turnos (44,4%) é a predominância nesta categoria de ensino. Mais da metade do grupo desenvolve suas atividades numa carga horária acima de 20 horas (55,8%). Da totalidade do grupo, 55,1% atendem diariamente de 21 a 100 alunos. Neste grupo, 42% atuam somente em uma escola, 38,1% trabalham em outra instituição de ensino e 16,2% desenvolvem outro tipo de trabalho profissional. Possuem 12,10 meses de experiência no ensino e 6,10 meses na escola atual.

Instrumentos

Esta investigação faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre Burnout em professores de instituições particulares de ensino. Assim, os instrumentos utilizados foram respondidos pelos professores como parte de um questionário mais abrangente. Os instrumentos utilizados neste estudo foram: um questionário elaborado para levantamento de dados demográficos e profissionais e o MBI – Maslach Burnout Inventory (Maslach & Jackson, 1986) para avaliar a Síndrome de Burnout, adaptação realizada por Benevides-Pereira (2001). O inventário é auto-aplicado e totaliza 22 itens. Em sua versão americana, a frequência das respostas é avaliada através de uma escala de pontuação que varia de 1 a 7. Utilizamos, neste estudo, o sistema de pontuação de 1 a 5, também utilizado por Tamayo (1997) na adaptação brasileira do instrumento, pois foi verificado que os sujeitos apresentavam dificuldade em responder muitos itens dos instrumentos, devido à especificidade dos critérios da Escala original. Empregamos, portanto, 1 para nunca, 2 para algumas vezes ao ano, 3 para algumas vezes ao mês, 4 para indicar algumas vezes na semana e 5 para diariamente. Altos escores em Exaustão Emocional e Despersonalização e baixos escores em Realização Profissional, sendo esta subescala inversa, indicam alto nível de Burnout (Maslach & Jackson, 1981). Na versão americana original, a consistência interna das três dimensões do Inventário é satisfatória,

apresentando um alfa de Cronbach que vai desde .71 até .90. Os coeficientes de teste e re-teste vão de 60 a 80 em períodos de até um mês (Maslach & Jackson, 1981). Pepe-Nakamura (2002), em estudo com uma amostra brasileira, encontrou .82 para Exaustão Emocional, .77 para Despersonalização e .76 para a Realização Profissional.

Procedimentos

Para a coleta dos dados, primeiramente foi realizado um contato com a direção das instituições de ensino sendo apresentado o objetivo do estudo a fim de obter a autorização e o apoio para a aplicação dos instrumentos. Estes foram entregues aos professores através de seu Diário de Classe, sendo a coleta realizada através de urnas colocadas no Apoio Docente ou na Sala de Professores visando preservar a confidencialidade das informações. Foram realizados os procedimentos éticos conforme resolução 196 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), no que diz respeito à pesquisa com seres humanos (Hutz & Spink, 1996). Foi esclarecido aos professores e diretores das instituições de ensino tratar-se de uma pesqui-

sa sem quaisquer efeitos avaliativos individuais e/ou institucionais e que as respostas seriam anônimas e confidenciais. O Banco de Dados foi digitado e posteriormente analisado através do pacote estatístico SPSS, versão 10.0. Foram calculadas medidas descritivas, médias e desvio-padrão, e utilizado o teste t de Student para comparação de médias entre os grupos.

RESULTADOS

Comparando os resultados obtidos em cada dimensão entre os grupos, através do teste *t* de student, verificamos que os professores não universitários apresentam diferença estatisticamente significativa nos índices das dimensões de Exaustão Emocional e de Baixa Realização Profissional. Professores não universitários possuem maior exaustão emocional e maior sentimento de baixa realização profissional que seus colegas universitários. Na dimensão de despersonalização não foi identificada diferença significativa (Tabela 1).

Tabela 1 - Comparação dos índices de Burnout de Professores Universitários e Não Universitários

Dimensões	Professores				<i>p</i>
	Universitários		Não universitários		
	M	Dp	M	Dp	
Exaustão Emocional	2,21	0,67	2,34	0,65	0,019
Despersonalização	1,48	0,51	1,49	0,46	0,824
Baixa Realização Profissional	1,53	0,46	1,67	0,55	0,002

* Diferença significativa ao nível de 5%.

Nota. A subescala Realização Profissional já se encontra com os valores invertidos, isto é, foram pontuados na mesma direção das outras subescalas, sendo denominada de Baixa Realização Profissional.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos confirmam parcialmente a hipótese do estudo, de que os grupos se diferenciam quanto às dimensões de burnout, confirmando colocação de Guglielmi e Tatrow (1998) que diferentes resultados de burnout podem emergir dentro dos subgrupos formados na categoria profissional de professores.

A diferença identificada na dimensão de exaustão emocional pode ser entendida a partir das características da organização do trabalho que é diferenciada nesta profissão, de acordo com o nível de ensino. Este resultado corrobora aqueles encontrados por Dillon e Tanner (1995) que desenvolveram estudo com professores universitários e por Byrne (1991) que estudou todos os níveis de ensino. Nestes, a exaustão emocional é a

variável central encontrada em professores de escolas de ensino fundamental e médio, não ocorrendo o mesmo resultado em professores universitários. Para Byrne (1991), os fatores de estresse são diferentes para ambas as situações, indicando que professores de escola possuem maior número de fatores de estresse laboral, tendo em vista a maior diversificação de atividades a serem realizadas. Podemos citar dentre elas, o atendimento a pais e atividades extracurriculares. Assim, este resultado vai ao encontro dos achados de Leiter (1991), que verificou associação entre a sobrecarga laboral e a dimensão de exaustão emocional. É importante destacar que uma outra situação pode estar influenciando este resultado: as características pessoais e profissionais dos grupos. Os professores de escolas são mais jovens que os professores universitários, indicando que ainda precisam lidar com os fatores de estresse presente nesta profissão. Cherniss (1980) e Farber (1991) acreditam que as expectativas irrealísticas que os novos profissionais têm sobre seu trabalho e o retorno que obterão dele podem ser um importante fator gerador de burnout.

Com relação à diferença encontrada na dimensão de realização profissional se verifica que os professores não universitários apresentam maiores índices de realização com seu trabalho. Esta situação pode estar relacionada à maior proximidade entre os professores deste grupo. Professor de escola desenvolve suas atribuições em organizações de menor porte que, por sua vez, propiciam um maior contato com a cultura religiosa disseminada. Os professores pertencem a instituições particulares de caráter religioso, onde existe uma cultura caritativa e assistencial, que se traduz em um significado de trabalho docente pautado na crença de que, segundo (Moura, 1997), os professores estariam 'praticando o bem ao próximo', através da educação, obtendo como prêmio a experiência de gratificação pessoal. Os resultados sugerem a presença de resquícios da cons-

trução sócio-histórica da profissão docente, ou seja, a de profissão vocacionada, que exige abnegação e doação, não permitindo questionamentos sobre até que ponto o trabalho tem sido fator de realização e satisfação.

Woods (1999) alerta que professores com fortes sentimentos vocacionais são mais vulneráveis ao burnout, pois, ao não verem sua atividade como um trabalho, mas sim como uma vocação, tendem a se envolver de forma excessiva, tendo como resultado a sobrecarga laboral.

Outros fatores podem se relacionar a este resultado, como bem destaca Kelchtermans (1999) ao dizer que burnout em professores é um fenômeno complexo relacionado ao ambiente de trabalho, sendo que este deve ser entendido de forma ampla. Deve-se considerar não somente a sala de aula e o contexto institucional, mas todos os aspectos macrosociais como políticas educacionais e fatores sócio-históricos da profissão docente.

No Brasil, esta situação é bastante visível, uma vez que há políticas diferenciadas para o ensino superior e o básico, refletindo em uma construção profissional bastante diferenciada. Como ressalta Lampert (1999), o professor universitário, comparado com os docentes de outros níveis de ensino, é um profissional que tem algumas vantagens, como salário mais elevado, carga horária reduzida, clientela selecionada, ascensão profissional e maior *status* social.

A dimensão de Realização Profissional pode estar funcionando como uma defesa psicológica coletiva frente ao desgaste proporcionado pelas condições adversas de trabalho, pois, conforme Dejours (1992), o sofrimento resultante do confronto entre as pressões da organização e o funcionamento psíquico ocasiona a elaboração de formas defensivas construídas e gerenciadas coletivamente.

Torna-se importante analisarmos o resultado quanto à dimensão de Despersonalização, pois esta é elemento essen-

cial da SB (Moreno, Oliver & Aragoneses, 1991). Chama atenção os baixos índices nesta dimensão apresentados pelo grupo de professores, independente de serem universitários ou não universitários, pois não apresentou diferença significativa entre os grupos. Segundo Farber (1991), algumas pessoas podem não ter um *insight* verdadeiro do que está ocorrendo com elas, o que dificultaria a identificação de questões relacionadas a esta dimensão. Este resultado pode estar associado com o conteúdo das questões formuladas. Benevides-Pereira (2002) adverte que se deve atentar às questões do inventário destinadas à sua avaliação (“Creio que trato algumas pessoas como se fossem objetos impessoais ou não me preocupo realmente com o que ocorre com as pessoas que atendo, por exemplo”), pois se nota que, formuladas desta maneira, podem causar um certo impacto, uma vez que entram em desacordo com o que se espera de um bom profissional. É difícil, para o respondente, assumir tais atitudes – como não tratar seus alunos com afetividade – no trabalho em instituições particulares, uma vez que esta é uma importante expectativa de alunos, instituições educacionais e sociedade em geral, fazendo parte do perfil idealizado de um bom professor. No paradigma vigente de que as instituições de ensino são empresas, prestadoras de serviço no campo da educação, sendo o aluno o cliente, torna-se constrangedor assumir dificuldades relacionadas a este aspecto de seu trabalho. Esta parece ser uma tendência importante, confirmada por Kelchtermans (1999) que coloca ser este modelo de gestão empresarial um importante fator gerador de burnout em professores. As instituições de ensino particular atuam atualmente norteadas por parâmetros da gestão da excelência, fato enfatizado pelo ingresso destas instituições em Programas de Qualidade Total, na busca de certificações e premiações ao lado de empresas do setor produtivo, como indústria e comércio.

Esta concepção causa, em muitas situações, relações tensas, permeadas por conflitos e ambigüidades. As repercussões do modelo de gestão da excelência, não há dúvidas, refletem na saúde mental dos trabalhadores (Chanlat, 1996). O estresse no trabalho adquire, assim, novos contornos e dimensões, sendo a Síndrome de Burnout uma delas.

Segundo Codo e Vasques-Menezes (1999), seu surgimento encontra-se intimamente vinculado ao momento atual, em que o setor de serviços encontra-se em plena expansão. As instituições ensino se inserem nesta categoria, marcando espaços anteriormente ocupados por outros setores como a indústria e o comércio, exigindo padrões de qualidade em níveis bastante elevados. A prestação de serviços é uma atividade bastante complexa, com muitas contradições e conflitos, sendo que seu sucesso depende em grande parte da qualidade da relação estabelecida entre o profissional e seu cliente.

Assim, deve-se considerar que, socialmente, é aceitável estar exausto em função do trabalho e, em muitos casos, isso faz com que o profissional seja mais valorizado. O corpo diretivo muitas vezes reforça esta questão, passando a ver os trabalhadores como dedicados e comprometidos com as metas e os objetivos institucionais, estratégia esta bastante utilizada pelas organizações na busca de mais produtividade, conforme afirmam Carlotto e Gobbi (2000).

Encontrar diferença entre os grupos nas dimensões de Exaustão Emocional e Realização Profissional, sugere que os professores não universitários, ao apresentarem índices mais elevados, principalmente na dimensão de Exaustão Emocional, possuem maior risco de desenvolver burnout, segundo o modelo teórico de Maslach. Neste, a síndrome é um processo que se desenvolve em etapas, sendo a primeira delas a Exaustão Emocional. Sendo assim, entende-se que exaustão emocional pode ser um preditor de despersonaliza-

ção e a despersonalização um preditor do sentimento de falta de competência para o desenvolvimento pessoal (Schaufeli, Maslach & Marek, 1993).

Devemos ter cautela com relação aos resultados obtidos, uma vez que estes dizem respeito a um grupo em particular, não sendo, portanto, passíveis de generalização. O estudo aponta para a necessidade de aprofundamento dos resultados obtidos, uma vez que a literatura ainda é incipiente na questão do estudo das diferenças de burnout e níveis de ensino. Assim, sugere-se a realização de novos estudos, pois na medida em que entendemos melhor este fenômeno psicossocial como processo, identificando suas etapas e dimensões, seus estressores mais importantes, seus modelos explicativos, podemos vislumbrar ações que permitam prevenir, atenuar ou estancar o burnout (Carlotto, 2002).

Aprofundar estudos tentando relacionar nível de ensino ao burnout mostra-se relevante, na medida em que políticas de promoção e prevenção em saúde ocupacional possam ser planejadas de acordo com as especificidades de determinadas categorias profissionais. Fatores contextuais são importantes na explicação de seu estado de saúde. Por esta razão, é importante analisar o impacto que as condições de trabalho tem na saúde das pessoas, e quais destes pontos são desiguais segundo atribuições funcionais.

REFERÊNCIAS

- Benevides-Pereira, A. M. T. (2001). MBI - Maslach Burnout Inventory e suas adaptações para o Brasil. In *Anais da XXXII Reunião Anual de Psicologia*. Rio de Janeiro, 84-85.
- Benevides-Pereira, A. M. T. (2002). Burnout: O processo de adoecer pelo trabalho. In A. M. T. Benevides-Pereira (Org.). *Burnout: Quando o trabalho ameaça o bem estar do trabalhador* (pp.21-92). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Byrne, B. (1991). Burnout: Investigating the impact of background variables for elementary, intermediate, secondary, and university educators. *Teaching & Teacher Education*, 7 (2), 197-209.
- Carlotto, M. S. (2002). Síndrome de Burnout e o trabalho docente. *Revista Psicologia em Estudo*, 7 (1), 21-29.
- Carlotto, M. S., & Gobbi, M. D. (1999). Síndrome de burnout: Um problema do indivíduo ou do seu contexto de trabalho? *Alethéia*, 10, 103-104.
- Chanlat, J. F. (1996). Modos de gestão, saúde e segurança no trabalho. In E. Davel & J. Vasconcelos (Orgs). *Recursos humanos e subjetividade* (pp. 118-127). Petrópolis: Vozes, 1996.
- Cherniss C. (1980). *Professional burnout in human service organizations*. New York: Praeger.
- Codo, W., & Vasques-Menezes, I. (1999). O que é burnout? In W. Codo (Org.), *Educação: Carinho e trabalho* (pp.237-254). Petrópolis: Vozes.
- Dejours, C. (1987). *A loucura do trabalho: Estudo da psicopatologia do trabalho*. São Paulo: Oboré.
- Dillon, J. F., & Tanner, G. R. (1995). Dimensions of career burnout among educators. *Journalism & Mass Communication Educator*, 50 (2), 4-14.
- Esteve, J. M. (1999). *O mal-estar docente: A sala de aula e a saúde dos professores*. São Paulo: EDUSC.
- Farber, B. A. (1991). *Crisis in education. Stress and burnout in the american teacher*. São Francisco: Jossey-Bass Inc.
- Franco, M. E. D.P. (2001). Comunidade de conhecimento, pesquisa e formação do professor do ensino superior. In M. C. Morosini. (Org.), *Docência universitária e os desafios da realidade nacional*. Brasília: Plano.
- Grimes, D. A., & Shulz, K. F. (2002). An overview of clinical research: the lay of the land. *The Lancet*, 359, 57-61.

- Guglielmi, R. S., & Tatrow, K. (1998). Occupational stress, burnout, and health in teachers: A methodological and theoretical analysis. *Review of Educational Research*, 68 (1), 61-69.
- Harrison, B. J. (1999). Are you to burn out? *Fund Raising Management*, 30 (3), 25-28.
- Hutz, C. S., & Spink, M. J. (1996). Orientações éticas para psicólogos envolvidos em pesquisas com seres humanos [On-line]. Disponível: <http://www.psicologia.ungrs.etica2.htm> Acessado em 09.03.2002.
- Iwanicki, E. F., & Schwab, R. L. (1982). A cross validation study of the Maslach Burnout Inventory. *Educational and Psychological Measurement*, 41, 1167-1174.
- Kelchtermans, G. (1999). Teaching career: Between burnout and fading away? Reflections from a narrative and biographical perspective. In R. Vanderbergue & M. A. Huberman (Eds.), *Understanding and preventing teacher burnout: A source book of international practice and research* (pp.176-191). Cambridge: Cambridge University Press.
- Lampert, E. (1999). *Universidade, docência e globalização*. Porto Alegre: Sulina.
- Leiter, M. P. (1991). Coping patterns as predictors of burnout. *Journal of Organizational Behavior*, 12, 123-144.
- Maslach, C. (1993). Burnout: A multidimensional perspective. In W. B. Schaufeli, C. Maslach, & T. Marek. (Eds.), *Professional burnout: Recent developments in theory and research*. (pp. 19-32). New York: Taylor & Francis.
- Maslach, C., & Jackson, S. E. (1981). The measurement of experienced burnout. *Journal of Occupational Behavior*, 2, 99-113.
- Maslach, C., & Jackson, S. E. (1985). The role of sex and family variables in burnout. *Sex Roles*, 12 (7/8), 837- 851.
- Maslach, C., & Jackson, S. E. (1986). *Maslach Burnout Inventory*. 2nd ed. Palo Alto, CA: Consulting Psychologist Press.
- Maslach, C., & Leiter, M. P. (1997). *The truth about burnout: How organization cause, personal stress and what to do about it*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Maslach, C., Schaufeli, W. B., & Leiter, M. P. (2001). Job burnout. *Annual Review Psychology*, 52, 397-422.
- Moreno, B. J., Oliver, C., & Aragoneses, A. (1991). El burnout, una forma específica de estrés laboral. In G. Buela-Casal & V. Caballo. *Manual de Psicología Clínica Aplicada*. (pp. 271-279). Madri: Siglo Veintiuno Moura, E. P. G. (1997). *Saúde mental e trabalho. Esgotamento profissional em professores da Rede de Ensino Particular de Pelotas - RS*. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Instituto de Psicologia, Porto Alegre, Brasil.
- Nacarato, A.M., Varani, A., & Carvalho, V. (2000). O cotidiano do trabalho docente: palco, bastidores e trabalho invisível abrindo as cortinas. In C. M. G Geraldi, D. Fiorentina, & E. M. de A. Pereira. (Orgs.), *Cartografias do trabalho docente* (pp.73-104). Campinas: Mercado de Letras.
- Pepe-Nakamura, A. P. (2002). *Síndrome de Burnout: estudo de variáveis sócio-demográficas, psicossociais e patologia*. Tese de Doutorado. Universidade de Santiago de Compostela, Santiago de Compostela, Espanha.
- Schaufeli, W. M., Maslach, C., & Marek, T. (1993). *Professional burnout. Recent developments in theory and research*. New York: Taylor & Francis.
- Schnetzler, R. P. (2000). Prefácio. In C. M. G Geraldi, D. Fiorentina, & E. M. de A. Pereira. (Orgs.), *Cartografias do trabalho docente* (pp.7-9). Campinas: Mercado de Letras.
- Tamayo, R. M. (1997). *Relação entre a síndrome de burnout e os valores organizacionais no pessoal de enfermagem de dois hospitais públicos*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Brasília. Instituto de Psicologia. Brasília, Brasil.